

Trabalhando Filosofia com as crianças



Olá amigos da sala evangelize!!!:)

Sabemos que a Doutrina Espírita é filosófica ao responder ao homem questões essenciais a sua vida: De onde vim? Para onde vou? Qual a finalidade de minha existência enquanto Espírito?

Mas, como esse conhecimento vem sendo transmitido para as crianças? Será que estamos conseguindo fazer com que a criança se sinta acolhida com a Doutrina Espírita perante o mundo em que vive?

Essa é nossa reflexão para esta semana... em anexo será enviado um texto de apoio.

- 1) O que entendemos por filosofia?
- 2) Como podemos despertar a busca pelo conhecimento espírita pela criança em nossa evangelização?
- 3) De que forma fazer a criança buscar um pensamento crítico perante o mundo em que vive?
- 4) Que recursos podemos empregar na evangelização para fazer a criança participar nas aulas, colocando suas dúvidas pessoais?
- 5) Como agir perante as dúvidas e curiosidades infantis que fogem ao estudo planejado pelo evangelizador?

Esperamos que todos participem!

Abraços a todos com carinho!!

Equipe Evangelize - CVDEE

Lu, Karina, Bhethy e Ivair (em licença).

<http://www.cvdee.org.br/contato.asp>

TEXTO DE APOIO1

Fonte: http://www.edicoesgil.com.br/educador/filosofia/filosofia_principal.html

Filosofia Espírita para Crianças Uma proposta pedagógica

Por Rita Foelker

RESUMO DOS OBJETIVOS E MEIOS

1. O que é Filosofia Espírita para Crianças?

A Filosofia Espírita, às vezes, é encarada como o conjunto das crenças espíritas a respeito do Universo e do ser humano. Porém, fazer filosofia na prática, ou seja, praticar um ensino filosófico, não é simplesmente transmitir princípios da crença espírita. É analisar estes princípios, questioná-los, buscar compreender melhor o seu significado e as suas conseqüências, especialmente as de ordem moral e ética.

Não se aceitam idéias como verdadeiras por imposição, mas sabendo porque as aceitamos. Esta é a essência da atitude filosófica: compreender o sentido e as conseqüências da realidade.

As crianças são filósofas espontâneas. Não precisamos lhes impingir um olhar admirado e curioso perante a vida, porque querem, com entusiasmo, saber o que são as coisas e porque elas são assim e não de outro jeito.

Filosofia Espírita para Crianças é uma proposta pedagógica que pretende ajudar crianças e jovens nesta sua busca natural, agregando um método de trabalho que, sem tirar a naturalidade e espontaneidade do processo investigativo, resulte na produção de conhecimento com significado e em bases racionais.

2. Para que serve a Filosofia Espírita para Crianças?

O objetivo desta proposta pedagógica é auxiliar crianças e jovens a encontrar, ao filosofar, a explicação racional que sustente suas ações morais e resulte em melhoria e manutenção de uma atitude mais positiva e construtiva perante a vida.

A explicação racional se obtém ampliando o conhecimento e raciocinando sobre os princípios do Espiritismo, compreendendo seu significado e os desdobramentos práticos de cada um em nossa vida espiritual, pessoal e social.

Princípios do Espiritismo [\(1\)](#)

Os princípios do Espiritismo são conceitos que formam a estrutura básica do pensamento espírita. São eles:

1. Deus,
2. espírito e matéria (os elementos da criação),
3. imortalidade,
4. reencarnação,
5. progressão dos Espíritos (evolução),
6. livre-arbítrio,
7. causa e efeito,
8. fluidos,
9. perispírito,
10. mediunidade,
11. pluralidade dos mundos habitados,
12. Espíritos em erraticidade,
13. influência dos Espíritos na nossa vida e
14. influência dos Espíritos na Natureza.

São idéias que, uma vez modificadas ou descaracterizadas, descaracterizam a própria Doutrina, o que nos leva a relacioná-las à própria identidade do Espiritismo, enquanto filosofia.

Os princípios do Espiritismo formam uma rede de inter-relações que compõem, para aquele que os conhece, uma sólida base filosófica e ética.

Para quem é espírita ou não, o conhecimento dos princípios torna possível raciocinar e entender a vida através de uma visão racional, gerando resultados práticos nas mais diferentes situações. A sua compreensão aprofundada melhora nossa capacidade de reflexão, ajuda no exercício do diálogo interior e na manutenção de maior segurança e harmonia.

É imprescindível que o educador espírita se torne um estudioso da Doutrina, a fim de conseguir percebê-los na dinâmica da existência, de poder falar sobre eles com desenvoltura e participar da construção de raciocínios pertinentes a seu respeito.

Valores

A manutenção de atitudes positivas e construtivas perante a vida só é possível quando nossas escolhas são norteadas por valores verdadeiros e perenes.

Os valores considerados fundamentais para uma vida digna e feliz, voltada à evolução do Ser espiritual, levando em conta sua participação na vida social e planetária, são, segundo

Filosofia Espírita para Crianças

- **Autoconhecimento** Os temas serão sempre estudados de a partir da perspectiva do educando e de acordo com a sua necessidade e observação. Os questionamentos o encaminharão para dentro de si mesmo, conhecendo seu pensar e o seu sentir a respeito deles.
- **Autenticidade**- Ao contrário da educação repressiva que conduz à hipocrisia, o diálogo prezará a autenticidade, incentivando à legítima expressão por parte de todos os envolvidos, daquilo que pensam e sentem. A autenticidade será também valorizada diante de todas as demais situações da vida.
- **Auto-responsabilidade** O estudo buscará possibilitar a compreensão clara da nossa responsabilidade exclusiva pela nossa própria felicidade e infelicidade, assim como da responsabilidade de cada um como agente modificador do meio em que se encontra.
- **Fé** - Todos os temas levarão em conta a ordem superior representada pelas leis naturais que governam o Universo e os atributos de Deus, perfeito, soberanamente justo e bom.
- **Amor** - Em todas as oportunidades serão incentivados os sentimentos de amizade e amor no grupo, através do respeito e da aceitação, do desejo do bem em relação a todos. Por extensão, exercitaremos o amor ao próximo e à Natureza.

O importante é impregnar nossa conduta e nossa prática nestes valores, de modo que eles se tornem o próprio jeito do educador ser e se comportar. Apenas compartilhando e vivenciando estes ideais, podemos compreender seu sentido e suas conseqüências.

3. Como funciona a Filosofia Espírita para Crianças?

Basicamente, a **Filosofia Espírita para Crianças** é um espaço para a aprendizagem significativa, para o aprofundamento nos conceitos espíritas básicos e a percepção de suas relações com a vida prática. As características da investigação filosófica que realizamos são as seguintes:

- Cultivo das habilidades do pensamento
- Busca de sentidos da realidade e percepção das conseqüências
- Liberdade de questionamento
- Comunicação fluente e participação ativa
- Relação teoria/prática
- Respeito a todos os pensamentos e opiniões

Além delas, é importante compreender os processos presentes nessa investigação:

Experimentar/Vivenciar

A prática do ensino filosófico está vinculada a um grau possível de experiência dos temas estudados, a fim de gerar reflexões e ensinar transformações interiores.

Parte-se então de um exemplo prático do cotidiano do educando, ou da Natureza, ou de uma atividade vivencial. Essa atividade não apenas fará pensar, mas olhar para si mesmo, avaliar as próprias escolhas e modos de pensar e sentir, enfim, interagir com o tema em estudo.

Ao educador cabe encontrar estratégias que levem os educandos a experimentar os conceitos abordados em profundidade.

Dialogar/Interagir

Em lugar do monólogo, onde um apenas ensina e os demais aprendem, pratica-se o diálogo.

E o que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se de amor, de humanidade, de esperança, de fé, de confiança. Por isso, somente o diálogo comunica. E quando dois pólos do diálogo seligam assim, com amor, com esperança, com fé no próximo, se fazem críticos na procura de algo e se produz uma relação de "empatia" entre ambos. Só ali há comunicação.

(...) É no diálogo que nos opomos ao antidiálogo tão entranhado em nossa formação histórico-cultural, tão presente e, ao mesmo tempo, tão antagônico ao clima da transição. O antidiálogo, que implica numa relação de A sobre B, é o oposto a tudo isso. É desamoroso. Não é humilde. Não é esperançoso; arrogante, auto-suficiente. Quebra-se aquela relação de "empatia" entre seus pólos, que caracteriza o diálogo. Por tudo isso, o antidiálogo não comunica. Faz comunicados.

Precisávamos de uma pedagogia da comunicação com a qual pudéssemos vencer o desamor do antidiálogo.

O método dialógico leva os alunos a pensar sobre o significado de suas palavras e sobre as conseqüências de seus pensamentos, vivenciando os conceitos na prática em lugar de apenas aprender a "falar sobre" eles.

Pensentir

Pensar é um ato. Sentir é um fato.**Clarice Lispector.**

"Pensentir" é uma destas palavras que surgem para significar uma idéia que ainda não se conseguia expressar.

Ela nasceu nos diálogos do Grupo de Filosofia Espírita para Crianças, como uma necessidade para falar do que buscávamos no ensino filosófico que nos propúnhamos a desenvolver: pensentir os conceitos.

Não só pensar e raciocinar, não só sentir e vivenciar, mas fazer tudo ao mesmo tempo!

Em nossa sociedade, ciência e intelectualidade são altamente valorizadas. Nossas escolas (e mesmo alguns ambientes espíritas) estão lotadas deste saber "científico, intelectual" que, embora tenha seu valor num contexto mais amplo, quando está sozinho, não ajuda a pessoa a conhecer a si mesma e a se transformar.

Quase não se vê esforço consciente de aprender sobre o sentir. Fala-se da necessidade de ser caridoso, mas pouco se fala de sentimentos presentes e emoções reais.

As pessoas agem motivadas por emoções e sentimentos. Por isso, ao analisar questões e situações morais usando apenas a razão, teremos apenas uma visão parcial das mesmas. Não dá para conversar sobre transformação interior sem falar no pensar/sentir/PENSENIR.

Notas:

1. Veja mais detalhes no texto ["Dos conhecimentos como ferramentas" - Anexo 1](#)Volta
2. Paulo Freire em "Educação e Mudança", Ed. Paz e TerraVolta

TEXTOS DE APOIO: 2, 3 e 4.

Fonte: http://www.edicoesgil.com.br/educador/filosofia/filosofia_principal.html

(2) O pensamento de Kardec

Extraído de "Obras Póstumas"

O Espiritismo é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista(1), pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo-sacerdote (...).

É-se espírita pelo só fato de simpatizar com os princípios da doutrina e por conformar com esses princípios o proceder. Trata-se de uma opinião como qualquer outra, que todos têm o direito de professar, como têm o de ser judeus, católicos, protestantes, simonistas, voltairiano, cartesiano, deísta e, até, materialista.

O Espiritismo proclama a liberdade de consciência como direito natural; reclama-a para seus adeptos, do mesmo modo que para toda a gente. Respeita todas as convicções sinceras e faz questão da reciprocidade.

Da liberdade de consciência decorre o direito **livre exame** em matéria de fé. O Espiritismo combate a fé cega, porque ela impõe ao homem que abdique da sua própria razão; considera sem raiz toda fé imposta, donde o inscrever, entre suas máximas **Não é inabalável, senão a fé que pode encarar de frente a razão em todas as épocas da Humanidade**

Coerente com seus princípios, o Espiritismo não se impõe a quem quer que seja; quer ser aceito livremente e por efeito de convicção. Expõe suas doutrinas e acolhe os que voluntariamente o procuram.

Notas

1. "Filosofia Espiritualista", a propósito, é o sobretítulo que Kardec deu **ao Livro dos Espíritos**

(3) Prática do Ensino Filosófico

Rita Foelker

Filosofar é adentrar no portal da iniciação à sabedoria que nos ensina que todo saber passa antes de tudo pelo caminho da humildade e não pela via real de um saber seguro de **Von Zuben**

No dizer de VON ZUBEN, citado por Junot Cornélio Matos(1), "o ensino de filosofia distingue-se de qualquer outro tipo de ensino, pois é um **ensino filosófico** Exige da parte do professor a consciência **atitude filosófica** Em vez de conteúdos expressos em doutrinas, teorias e sistemas consignados nas Histórias da Filosofia, o "objeto" da ensinabilidade e da apropriação é uma **atitude**".

Talvez, mais importante do que o conteúdo em si seja a postura que orientará a prática pedagógica do professor de Filosofia no dia-a-dia da sala de aula... ...trata-se de uma ruptura com as concepções cristalizadas do senso comum, mostrando que a Filosofia começa com a problematização daquilo que parece óbvio no mundo cotidiano. Mais do que ensinar um conteúdo, é preciso instaurar uma postura filosófica que comece por duvidar que a realidade seja um dado. Em suma, o que se propõe é um trabalho docente calcado numa concepção que enfatiza a Filosofia como reflexão, descartando-se a erudição filosófica como um fim em si mesmo.(2)

Para Platão e Aristóteles, a filosofia formula perguntas sobre o banal, causando o estranhamento e a admiração com respeito a tudo que, até então, não parecia digno de qualquer questionamento. Destacar as realidades do pano de fundo onde se confundem com o comum e o banal, observando o que há de único e especial através da investigação, é uma maravilhosa possibilidade que só cabe dentro de uma atitude filosófica.

Doutrina Espírita é toda lógica e bom senso, que precisam ser entendidos pelo professor como a sua maior riqueza. Afinal, segundo Kardec:

A fé necessita de uma base e, essa base, é a compreensão perfeita daquilo em que se deve acreditar. (O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap 19,7)

Somente é inabalável a fé que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade. É a esse resultado que o Espiritismo conduz, triunfando assim sobre a incredulidade, todas as vezes que não encontra oposição sistemática e interesseira. (Idem.)

A oposição sistemática e interesseira, nascida do preconceito, só deixa de existir quando se abrem os olhos da razão, com o aval do sentimento e da intuição.

Notas

- 1.Junot Cornélio Matos, em "O Papel da Filosofia na Educação".
- 2.Idem.

4) A arte de perguntar

Rita Foelker

Uma pergunta pode ser um excelente ponto de partida para uma investigação filosófica.

Mas, não, qualquer pergunta!

O professor, muitas vezes, inicia sua aula fazendo perguntas que visam apenas conferir conteúdos assimilados. Elas possuem apenas uma resposta certa. Não é deste tipo de pergunta que estamos falando.

Falamos de perguntas que fazem raciocinar, que motivam o diálogo e que podem ter muitas respostas certas.

Perguntas abertas e perguntas fechadas

Existem dois tipos de perguntas: as perguntas **abertas** e as perguntas **fechadas**

As perguntas **fechadas** são as que só tem uma resposta, são usadas para avaliar conhecimentos ou pedir informação. Ex.: Quem descobriu o Brasil? Que dia é hoje?

As perguntas **abertas** são as que possuem muitas respostas corretas e estimulam a pensar. Ex.: Por que somos mais amigos de algumas pessoas que de outras? Por que há pessoas que não acreditam em Deus? Se as pessoas fossem menos apressadas, elas viveriam melhor?

Seu objetivo não é uma resposta em si, mas a possibilidade que ela abre para a curiosidade, para as novas idéias, para a reestruturação do pensamento e para as trocas de opinião.

Enquanto as respostas para as perguntas abertas vão sendo encontradas, o assunto ganha novas perspectivas e cada aluno evolui em sua compreensão. O pensamento se organiza e há oportunidade de se expor novas questões.

Segundo Splitter e Sharp (1)*Nossas experiências em sala de aula e em educação de professores nos ensinam que dentre as muitas habilidades requeridas para construir e sustentar uma comunidade de investigação, aquelas associadas com formular, fazer e responder perguntas têm um lugar especial. Na verdade, a reconstrução da sala de aula como uma comunidade de investigação dialógica depende muito da natureza e da qualidade das perguntas levantadas por professores e alunos.*

Ambiente encorajador

O resultado de uma atividade investigativa depende, não somente, de fazer as perguntas certas, mas, no caso da sala de aula, da disposição do professor em aceitar a validade das diversas opiniões e de agir também como investigador.

A criação de um ambiente que encoraje o questionamento, que respeite os diversos pontos de vista, mesmo os da minoria, favorece a naturalidade e espontaneidade das trocas e estimula a pesquisa sobre os assuntos tratados, na medida em que todos sentem que podem contribuir para a formação de um entendimento mais sólido e profundo.

Alguns exemplos

O que dissemos tem a ver com as perguntas iniciais, que propõem um assunto para ser investigado.

Outras perguntas, feitas pelo coordenador durante o diálogo, podem exercer este mesmo efeito. Exemplos:

- Por que você pensa assim?
- Poderia explicar melhor?
- Pode nos dar um exemplo?
- Você quer dizer que... ?
- Alguém tem uma pergunta para... ?
- Você concorda com o argumento de... ?
- Você pode olhar este assunto por outro ponto de vista?
- Isto que você propõe lhe parece correto? Por quê?
- Que conseqüências poderiam surgir deste pensamento?
- Que conseqüências poderiam surgir desta atitude?
- Por que sua pergunta é importante?
- Como o que você disse vai nos ajudar?
- ...

Nota

1. Splitter, Laurance J. e Sharp, Ann Margaret. Uma nova educação: a comunidade de investigação na sala de aula. Ed. Nova Alexandria , São Paulo, 1999.